

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br



Guns N' Roses volta a Porto Alegre e promete show incendiário no Jockey Club nesta quarta-feira; ainda há ingressos disponíveis para compra na plataforma Eventim

MÚSICA

Reencontro com as lendas do rock pesado

Igor Natusch

Chegou a hora de os porto-alegrenses pularem e gritarem, uma vez mais, ao som de uma das lendas do rock pesado mundial. O novo reencontro dos gaúchos com o Guns N' Roses acontece nesta quarta-feira, no Jockey Club do Rio Grande do Sul (Diário de Notícias, 750). Trata-se da quarta visita dos norte-americanos à Capital, depois de memoráveis apresentações em 2014, 2016 e 2022. Ao todo, a banda faz nove shows nesta passagem pelo Brasil, incluindo uma aparição no grandioso Monsters of Rock, em São Paulo. Na Capital, a abertura será da banda Halestorm.

Os portões do Jockey Club abrem às 16h, e a expectativa é de que o show comece às 20h30min - mas, como os fãs da banda bem sabem, atrasos na subida ao palco não são exatamente um evento

inédito na vida do conjunto, de forma que é bom todo mundo estar preparado para um eventual espera mais longa. Ainda há ingressos à venda, pelo site Eventim, por valores a partir de R\$ 485,00. A venda presencial, sem cobrança de taxa de serviço, ocorre no BarraShoppingSul (Diário de Notícias, 300), em quiosque em frente ao Baixo Barra, das 10h às 22h.

A banda chega ao Brasil com a turnê *Because What You Want and What You Get Are Two Completely Different Things* ("Porque o que você quer e o que você consegue são duas coisas completamente diferentes", em tradução livre). O nome do giro mundial é fiel à tendência irônica da banda em situações do tipo - basta lembrar que a turnê que marcou o retorno de Slash foi batizada de *Not in this Lifetime* ("Não nesta vida"), frase dita anteriormente pelo vocalista Axl Rose quando indagado se

ele e o guitarrista voltariam a tocar juntos... Mas há, na expressão que batiza a atual excursão dos roqueiros, uma camada extra de significado - quase uma reflexão sobre a própria existência, talvez se possa dizer.

Desde o estouro mundial com o furioso *Appetite for Destruction* (1987), o Guns N' Roses tem se mostrado à vontade para quebrar expectativas - mesmo que isso, eventualmente, provoque oscilações na própria trajetória da banda. Foi com o inesquecível *lick* de guitarra da semibalada *Sweet Child O'Mine* (que, o próprio Slash admite, surgiu como um exercício de aquecimento antes dos ensaios) que a banda começou a conquistar o mundo - muito embora, para falar a verdade, a música em questão fosse um tanto diferente de pauladas roqueiras como *Welcome to the Jungle* e *Paradise City*, que viraram singles de sucesso na sequência e, hoje, são presença inquestionável em qualquer show do conjunto. Longe de ser uma contradição, essa capacidade de equilibrar sensibilidade e fúria foi o que consolidou a relação de (muito) amor e (um pitada de) ódio da banda com o estrelato, a mídia e, por que não dizer, com o próprio público.

Baladas como *Patience*, *Don't Cry* e a épica *November Rain* se tornaram presença eterna nas rádios rock e na então soberana MTV, sem prejuízo de canções

muito mais agressivas como *You Could Be Mine*, *Double Talkin' Jive* e *Bad Obsession*, que talvez não tenham se tornado tão populares, mas que são favoritas absolutas entre a maioria dos fãs. Em sua ascensão para o topo, marcada pelo mini-LP *GNR Lies* (1988) e o pretensioso duplo-álbum-duplo *Use Your Illusion* (1991), o grupo surgiu como uma faca rasgando o véu de relativo bom-mocismo do rock *mainstream* de então: em meio a centenas de bandas que apostavam na maquiagem pesada e nos sons pasteurizados de guitarras e teclados, o Guns N' Roses se tornou gigante por emanar uma verdade intensa e inquestionável - na sua música e na sua rotina interminável de excessos. Enquanto muitos tentavam parecer *bad boys*, o Guns N' Roses era verdadeiramente perigoso, por vezes brutal e incontrolável - o que incluía shows com horas e horas de atraso e apresentações que terminavam, por um motivo ou outro, em depredações e batalhas campais entre público e polícia.

Qualquer fã recita de cor a formação clássica do grupo - mesmo que ela, na prática, tenha ficado junta por menos de cinco anos. Steven Adler (bateria) e o fundador Izzy Stradlin (guitarra) desbarbaram pelo caminho, abrindo precedente para uma rotatividade quase inacreditável na formação da banda. Entre músicos de estúdio e turnê, cerca de 50 pessoas

foram parte do Guns N' Roses em algum momento - uma confusão especialmente intensa durante o longo ciclo de produção e promoção de *Chinese Democracy* (2008), que tomou mais de uma década. Apenas o vocalista Axl Rose manteve-se uma constante, tentando manter na estrada uma engrenagem cada vez mais complexa e que, por vezes, pareceu pronta para se perder no acostamento.

Hoje, a banda conta também com os regressos Slash (guitarra) e Duff McKagan (baixo), assessorados pelos sobreviventes Dizzy Reed (teclados, que está na banda desde 1991) e Richard Fortus (guitarra, ao lado de Axl desde 2002) e o mais recente Isaac Carpenter (bateria) - Melissa Reese (teclados e voz) teve problemas particulares e não vai estar presente na turnê. Os períodos de turbulência, dentro e ao redor da banda, parecem ter ficado para trás, e os longos shows (se você estará lá, prepare-se para mais de duas horas de espetáculo) mostram um conjunto entrosado e, acima de tudo, bastante descontraído em cima do palco. Não é de se duvidar, inclusive, que a banda traga algumas novidades sonoras na bagagem: sem pressa de lançar um novo álbum completo, os músicos têm soltado *singles* esporádicos nos últimos anos, e é bem possível que alguns deles (como os recentes *Nothin* e *Atlas*) apareçam no *setlist* desta noite.